
De Husserl a Ricoeur: Um Percurso Metodológico Aplicado à Investigação em Enfermagem

As Propostas Fenomenológico-Hermenêuticas de Alexander e de Lindseth & Norberg

Joaquim Paulo Oliveira. Doutorando do Programa de Doutoramento em Enfermagem da Universidade de Lisboa; Professor Coordenador na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa.

Maria Antónia Rebelo Botelho. Professor Coordenador (PhD), Escola Superior de Enfermagem de Lisboa

A abordagem fenomenológica tem assumido uma posição cada vez mais significativa na investigação em Enfermagem. No entanto o termo Fenomenologia e, sobretudo, a sua utilização no contexto acima referido, não se encontra isento de uma certa confusão relativamente à sua natureza e aplicação. Este artigo surge no âmbito do desenvolvimento da tese de doutoramento em enfermagem e visa contribuir para a clarificação e sistematização das principais ideias e conceitos subjacentes a esta filosofia, uma vez que delas decorre o fundamento e enquadramento dos métodos - fenomenológicos - utilizados na investigação em Enfermagem. Neste sentido propomo-nos, no diálogo com o pensamento de Husserl, Heidegger e Ricoeur, percorrer o caminho que indo da explicitação à interpretação da experiência vivida permita enquadrar os métodos de análise propostos por Alexander (1991) e por Lindseth & Norberg (2004), ambos inspirados na Teoria de Interpretação desenvolvida pelo filósofo Paul Ricoeur.

Palavras-chave: investigação em enfermagem; fenomenologia; hermenêutica; método; Paul Ricoeur

The phenomenological approach has assumed an increasingly significant position in nursing research. However the term phenomenology, and especially its use in the above context, is not free of some confusion regarding its nature and application. This article appears in the scope of the author's development of his doctoral thesis in nursing and aims to help clarify and systematize the main ideas and concepts behind this philosophy, once they appear as foundation and framework for conducting the phenomenological methods used in nursing research. In this sense the author propose in dialogue with the thoughts of Husserl, Heidegger and Ricoeur, to pursue a path going from explicitation to the interpretation of the lived experience, allowing the subsequent presentation of the analytical method's framework proposed by Alexander (1991) and Lindseth & Norberg (2004), both inspired by the theory of interpretation developed by the philosopher Paul Ricoeur.

Keywords: nursing research; phenomenology; hermeneutics; method; Paul Ricoeur

INTRODUÇÃO - A FENOMENOLOGIA E A INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM

A actual investigação em Enfermagem, nomeadamente no que diz respeito à sua área clínica, está claramente definida como um processo evolutivo e acumulativo (Phillips, 2006). Os investigadores deverão, a partir de questões relativas a problemas encontrados na prática de cuidados, gerar conhecimento científico que permita o desenvolvimento da Disciplina de Enfermagem, recorrendo para o efeito a múltiplas metodologias [em parceria e não em oposição/competição] (e subsequentes métodos), nos seus programas de investigação, ou seja, incluir quer o raciocínio indutivo, na descultação do conhecimento existente nos dados, como o raciocínio dedutivo, que permitam o teste de hipóteses, quer estas sejam induzidas ou deduzidas, bem como os respectivos instrumentos que garantam a validade e fiabilidade dos desenhos metodológicos desenvolvidos para cada programa.

Ao se considerar a inclusão das ciências de enfermagem a nível das ciências humanas, por “oposição” às ciências naturais ou às ciências físicas encontramos-nos, portanto, perante uma concepção do processo de investigação centrado na pessoa, enquanto Ser consciente, que É e age intencionalmente no mundo. As suas acções são portadoras de significados cuja estrutura importa compreender, isto é, explicitar e interpretar. Estamos, por conseguinte, perante um paradigma qualitativo de investigação. E neste sentido lembramos a afirmação de Watson segundo a qual,

...os enfermeiros podem escolher métodos que possibilitem acesso ao mundo subjectivo e interior dos significados pessoais do enfermeiro e da outra pessoa. Podemos optar por estudar o mundo interior das experiências em vez do mundo exterior da observação ... podemos escolher em buscar mais acerca do privado, do mundo íntimo do cuidador e das experiências humanas interiores, em vez de nos concentrarmos no mundo público das técnicas de cura e no comportamento externo. (Watson, 2002:35).

A utilização de uma abordagem metodológica qualitativa, perspectivada desta forma, seria sobretudo aquela que tivesse como intenção capturar o fenómeno em estudo de um modo holístico, com o intuito de conseguir entendê-lo, compreendê-lo no próprio contexto onde se encontra inserido, compreensão que seria também alargada ao significado humano atribuído à vivência do referido fenómeno (Lincoln, 1997).

Concebendo a actividade de investigação como a procura de respostas relativamente a uma determinada realidade, a opção por uma linha qualitativa significa uma concepção dessa mesma realidade como um objecto (de investigação) elaborado, construído por seres humanos que tomam determinado ou determinados acontecimentos das suas vidas e os “preenchem” de significações. O objecto de investigação assume-se, assim, como um profundo e intenso mundo de sentidos e significados íntimos e pessoais; daí Corbalan (2000) falar, essencialmente, não da realidade sujeita a investigação, mas sim de algo real, enquanto vivenciado (e sentido), como tal, pelos sujeitos, propondo, deste modo, uma clara distinção entre os dois termos, realidade e real, a propósito das diferentes concepções sobre o objecto de pesquisa nas linhas de investigação quantitativa e qualitativa.

Polit e Hungler (1995:18) reforçam estas perspectivas ao considerarem que na pesquisa qualitativa existe uma tendência para *...salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, tentando apreender tais aspectos em sua totalidade, no contexto daqueles que os estão vivenciando*. As referidas autoras consideram ainda que a utilização destes métodos tem a sua razão de ser quando se pretende compreender a totalidade de determinado fenómeno, salientando a importância das interpretações dos próprios participantes, tendo em consideração a globalidade do contexto onde ocorre o fenómeno em estudo, utilizando o componente subjectivo não como um entrave à investigação, mas antes como um meio legítimo de auxílio para a compreensão e interpretação das experiências vividas pelos sujeitos e analisando as informações recebidas a partir das descrições, de uma forma intuitiva, é certo, mas, igualmente, organizada.

Dentro desta linha de pensamento a abordagem fenomenológica tem assumido uma posição cada vez mais significativa na investigação em Enfermagem (Dowling, 2007; Sadala e Adorno, 2002; Flood, 2010; Spíndola, 1997; Watson, 1979, 2002), tendo em vista o desenvolvimento do conhecimento de que necessita e que lhe é próprio – enquanto caracterizador da sua própria identidade enquanto disciplina científica – a partir da perspectiva da vivência individual e colectiva da experiência

humana de Saúde.

No entanto o termo Fenomenologia e sobretudo a sua utilização em trabalhos de investigação em Enfermagem, não se encontra isento de uma certa confusão relativamente à sua natureza. O seu uso enquanto mero método de investigação, esconde toda uma riqueza conceptual que não apenas serve de suporte para a constituição e aplicação de um método de pesquisa, como - e sobretudo - se constitui enquanto uma das mais significativas correntes filosóficas contemporâneas. Importa pois, no nosso entender, clarificar e sistematizar, de um modo muito resumido, as principais ideias subjacentes a esta filosofia uma vez que delas decorre o fundamento e enquadramento dos métodos - fenomenológicos - utilizados na investigação em Enfermagem. Não se trata aqui, de modo algum, de apresentar um trabalho de índole filosófica, mas de resumir um conjunto de concepções, que percorrendo o trajecto da explicitação Husserliana, à compreensão patente na fenomenologia Heideggeriana e terminando na teoria da interpretação de Ricoeur, se considera serem de particular importância para o enquadramento, compreensão e fundamentação da utilização dos métodos de análise propostos por Alexander e por Lindseth & Norberg. Como afirma Alves (2007:157),

Todavia, a Fenomenologia não é um método. Pelo contrário há um método fenomenológico. Isso significa que é o conceito de Fenomenologia que esclarece e fundamenta o método e não, ao invés, o método que esclarece e determina o sentido da Fenomenologia. O conceito de Fenomenologia não pode, pois, ser esclarecido pelo método. Todos os comentários sobre as reduções, sobre a parentetização ou sobre as demais operações, se não forem efectuadas por regresso ao conceito de Fenomenologia, acabam por secar a fonte que a alimenta e por a reduzir a pouco mais que uma técnica.

Por outro lado importa referir a existência de diversos *estilos de fazer fenomenologia* correspondentes a outras tantas *escolas fenomenológicas*. Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer, Paul Ricoeur, entre tantos outros constituem apenas algumas das figuras - e perspectivas - mais influentes dentro do *movimento fenomenológico*.

De entre as diversas tentativas de “classificação” das múltiplas perspectivas acerca de Fenomenologia, não queremos deixar de apresentar – a título meramente exemplificativo – a proposta de Dowling (2007) que integra algumas dessas perspectivas nos seguintes movimentos:

- Positivista (perspectiva Husserliana);
- Pós-positivista (perspectiva Merleau-Ponty);
- Interpretativista (perspectiva Heideggeriana);
- Construtivista (perspectiva Gadameriana);
- Fenomenologia enquanto Método de investigação – “Nova Fenomenologia” (perspectiva de Crotty)

O termo fenomenologia, etimologicamente, significa ciência ou teoria dos fenómenos, significando estes últimos, literalmente, aquilo que se manifesta, que aparece ou se apresenta à consciência, como afirma Morujão (1990: 485), *o que se revela por si mesmo na sua luz*.

A fenomenologia, como refere Burns e Grove (1993) pode ser encarada como filosofia e como método de investigação tendo como finalidade a descrição das experiências tal como são vivenciadas pelos participantes do estudo. O fenomenologista, ao olhar e reflectir sobre as coisas tal como elas se manifestam, tem como “missão” descrever o fenómeno, o mais rigorosa e exaustivamente possível, sem o explicar, nem tentar encontrar qualquer nexos de causalidade, tentando deste modo, acerrar-se da essência do fenómeno (Spíndola, 1997). Segundo esta autora, a fenomenologia é ... *uma ciência descritiva, rigorosa, concreta que mostra e explicita o Ser nele mesmo e se preocupa com a essência do vivido*. (Ib. p.404).

Esta compreensão fenomenológica do Mundo é de grande importância nesta linha de pensamento uma vez que permite redescobrir a sua (do mundo) génese intencional na consciência, dentro de um registo intuitivo e descritivo, admitindo-se, por conseguinte, o carácter intencional da consciência, designando esta última um saber testemunhado ou concomitante.

Referir-nos-emos de seguida às perspectivas Husserliana, Heideggeriana e sobretudo ao pen-

samento de Ricoeur o propósito de enquadrar os métodos propostos por Alexander (1991) e por Lindseth & Norberg (2004), que aqui apresentamos.

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Numa certa reacção ao ponto de vista assumido pelo advento da Modernidade defendendo uma crescente valorização do método científico que busca a certeza matemática para as verdades de uma natureza objectivada, medida e controlada, promovendo, portanto, um modo de pensar científico-natural baseado na separação entre o sujeito que conhece e o objecto a ser conhecido e, por conseguinte incapazes de questionar os seus próprios princípios (Almeida e Brandão, 2009), Husserl contrapõe um sistema filosófico que possibilite uma re-fundação das ciências positivas lançando luz sobre os seus fundamentos e que constitua uma dimensão nova relativamente ao conhecimento natural, socorrendo-se de um método novo que se contraponha ao método utilizado pelas ciências naturais (Arana, 1987).

Nasce assim a Fenomenologia Transcendental enquanto ciência eidética, isto é, relativa às essências obtidas por abstracção ou redução, pura e transcendental. Trata-se de uma filosofia encarada enquanto ciência rigorosa - no sentido da ideia clássica de rigor científico - e universal que encarne um saber racional, unificado e dirigido para a totalidade da experiência vivida e plenamente fundamentado - Uma Filosofia Transcendental a partir da qual poderiam emergir todas as outras ciências particulares. Para Husserl o propósito desta fenomenologia é o de constituir-se enquanto estudo rigoroso e isento das coisas tal como aparecem, com o intento de se conseguir atingir uma compreensão essencial da consciência humana e da sua experiência no mundo da vida (o que Husserl apelida de *Lebenswelt*); uma experiência vivida que envolve uma imediata e pré-reflectida consciência da vida (Dowling, 2007).

Este enfoque na experiência vivida pelo humano impõe, na perspectiva husserliana, a exigência de ir às coisas mesmas, partir da experiência pura, ou seja, aquela em que as coisas se mostram enquanto fenómenos, significando este último termo, aquilo que se manifesta em si mesmo, um puro aparecer, o-que-se-mostra-em-si-mesmo, assumindo-se deste modo a fenomenologia enquanto discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo (Galli, 2007); no pensamento de Merleau-Ponty, por exemplo, a fenomenologia busca as essências na existência, num mundo-aí, anterior a qualquer acto de reflexão.

Por outro lado, este mundo é um mundo que se dá à consciência, a qual se constitui a fonte de toda a significação para o próprio mundo; aqui se encontra uma das máximas atribuídas à fenomenologia Husserliana: toda a consciência é consciência de algo; por outras palavras, existe uma intencionalidade da consciência que incorpora o modo mesmo da existência da vida consciente (Arana, 1987). A Fenomenologia Transcendental tem, deste modo, como principal desiderato o possibilitar a fundamentação de todo e qualquer conhecimento possível advindo do mundo, tal como se manifesta ou se desvela na nossa própria experiência vivida, determinando, por conseguinte, o que é o mundo para nós (Almeida e Brandão, 2009).

Aliás, de entre os conceitos axiais da Fenomenologia Transcendental de Husserl, destacá-riamos - no contexto deste artigo - três, a saber: Consciência, Intencionalidade e o de Redução Fenomenológica, num sólido entrelaçado conceptual.

Fortemente influenciado pelos trabalhos de Brentano, para Husserl a intencionalidade pressupõe que a consciência está sempre direccionada para algo, sendo considerada como o que torna possível esclarecer todo o complexo da realidade.

Através da intencionalidade todo o acto mental está relacionado com determinado objecto, reportando-se à experiência interna de ser consciente de alguma coisa, ou seja, a consciência surge, neste contexto, definida em termos de intenção voltada para o objecto. É a partir da intencionalidade que se torna possível falar da inclusão do mundo na consciência, definida em termos de intenção voltada para o objecto (no mundo) (Wherter, 2001). É esta leitura da intencionalidade que conduz à ruptura da ideia do sujeito isolado do mundo, permitindo-lhe constituir-se enquanto

ser-envolvido-no-mundo.

Para Husserl a consciência não é “mais uma coisa”; ela apresenta um modo de ser, o modo da existência, do vivido, não se revelando do mesmo modo, isto é, não se mostrando da mesma forma que a coisa física. E, no entanto, a presença do objecto ao pensamento tem, para este, um sentido, sendo precisamente nessa “intimidade” (entre sentido e pensamento) que consiste a intencionalidade (Arana, 1987), assumida enquanto consciência-em-relação-com-o-mundo. Não se trata aqui de conceber a intencionalidade como elo de ligação entre consciência e mundo e, portanto, externo a ambos: *...a essência mesma da consciência é irromper em direcção a..., é transcender-se. No cogito a consciência capta-se a si mesma como subjectividade transcendental, origem de todas as significações, portanto, também, como sentido do mundo.* (Ib. p. 36-37)

Por outras palavras, o mais importante para Husserl é reconhecer que todo o conhecimento - e o próprio mundo - apenas se torna concebível a partir de algo que além de constituir, dê sentido a esse mesmo mundo, independentemente da prova da sua existência concreta. A esse algo que age como princípio de unificação e individualização da consciência e único responsável por todo o conhecimento possível, se dá a designação de Ego Transcendental (Almeida e Brandão, 2009). Deste modo, o fenómeno ao qual o acto de consciência é dirigido, constitui-se como objecto-em-si, transcendente à consciência.

Como é que Husserl se propõe atingir este Eu Transcendental? Através de um método que ele designa de *epoché* a partir do qual se colocam entre parêntesis, em atitude de suspensão - e não de negação - todos os pressupostos relativos à existência de um mundo externo, de objectos normalmente concebidos pelo sujeito a partir de um ponto de vista “natural”, o que implica, no intuito de compreender as características de um determinado fenómeno de uma forma tão independente quanto possível, a assunção de uma atitude de total abstenção dos nossos julgamentos, pressupostos e preconceitos, bem como do modo habitual, comum, quotidiano de olhar para as coisas (do mundo). Para que esta suspensão seja efectiva é essencial, no entanto, e em primeiro lugar, expô-los e clarificá-los minuciosamente (Dowling, 2007).

Desta forma o sujeito limita o mundo a um mundo de puros fenómenos, correspondente ao domínio do puramente fenomenológico no qual todo o sentido se encontra no âmbito de uma subjectividade transcendental, apanágio de um idealismo transcendental. É portanto ao colocar em suspenso, desde as verdades científicas conhecidas, até à própria existência do mundo natural - percebido através da experiência - bem como de todas as realizações sociais e culturais, que se desvela a consciência absoluta, possibilitando a Husserl atingir o Eu Transcendental anteriormente mencionado (Almeida e Brandão, 2009). Por isso e do ponto de vista desta Fenomenologia Husserliana, e de um ponto de vista mais “operacional”, é essencial que as descrições relativas à experiência vivida sejam recolhidas e registadas antes mesmo de se reflectir acerca delas, ou seja, tal como aparecem à consciência.

Importa ainda referir a este propósito que Spiegelberg (1982) identifica a *intuição fenomenológica* como sendo o centro, o coração da redução fenomenológica. Constitui-se como uma compreensão eidética do que é pretendido na descrição do fenómeno; Isto é descrito por Parse (2001) como *...o processo de chegar ao conhecimento do fenómeno tal como ele mesmo se mostra na descrição dos participantes.*

Em suma, na corrente fenomenológica Husserliana, o fenómeno não é apenas o que se manifesta ao Homem em condições determinadas, mas o que aparece ou se manifesta tal como é em si mesmo. Não é o dado da experiência sensível, mas um dado ideal, uma essência que se revela numa *intuição* (Morujão, 1990: 486).

Deste modo, o intuito da Fenomenologia é o de atingir uma compreensão do mundo, redescobrendo a sua génese intencional na consciência, utilizando para o efeito, um registo puramente descritivo e intuitivo. Por outras palavras, a utilização da fenomenologia enquanto método, permitirá revelar o que permanece escondido no que se manifesta e constitui o seu sentido ou fundamento (Ib. p.492).

A orientação actual dentro do projecto *Husserliano*, sublinhe-se, tende, sobretudo, a enfatizar o Homem e a condição humana através, nomeadamente, da utilização de uma descrição pura dos dados da intuição das essências.

A FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER

Heidegger, antigo discípulo de Husserl – de cujas concepções de uma fenomenologia epistemológica se acabou por afastar - é comumente considerado como um dos expoentes do pensamento filosófico do século XX, com uma ênfase muito especial no problema do sentido do ser do homem.

Heidegger ao recolocar a centralidade da questão do ser e da interpretação do seu sentido, refunda a Ontologia dita tradicional – mais direccionada para a “quidade” real dos entes - inaugurando uma ontologia concreta que – pretende – servirá de fundamento para todas as ontologias (Almeida e Brandão, 2009).

Em contraponto à perspectiva de Husserl, Heidegger opõe o seu conceito de “vida na sua facticidade” em vez da “consciência transcendental” Husserliana, o que acaba por determinar uma ênfase no mundo da existência, a fim de, a partir desta última, se chegar ao pensamento. Por outras palavras, esta perspectiva fenomenológica não parte obrigatoriamente da intuição, mas sim da compreensão, uma vez que é a partir desta que a nossa existência no mundo, a nossa relação imediata com o mundo, se processa. De um paradigma da consciência baseado na percepção, passa-se para um da hermenêutica, baseado na compreensão (Valles, 2005). Para Heidegger – e no que diz respeito à fenomenologia – o principal fenómeno a estudar é, portanto, o que diz respeito ao sentido do ser enquanto presença, incorporação, no mundo, propondo uma fenomenologia hermenêutica centrada na experiência humana tal como é vivida (Dowling, 2007).

Um dos conceitos fundamentais nesta perspectiva heideggeriana é o conceito de *Dasein*, mais frequentemente traduzido como Ser-Aí ou Ser-No-Mundo (embora alguns tradutores prefiram a utilização do termo Pré-sença) e que pode ser abordado enquanto ser humano – assumido como ente que existe imediatamente no mundo - capaz de questionar o ser, ou seja que possui uma compreensão do ser. Embora todo o ser seja ser de um ente, falamos aqui de um ente “especial” (que Heidegger apelida de privilegiado), dotado de linguagem, capaz de assumir atitudes complexas como sejam o visualizar, o escolher, o compreender e – talvez sobretudo – capaz de aceder ao sentido do ser que sendo, se abre e manifesta no mundo por meio do seu próprio ser; este ente “especial”, constitui o Ser-no-Mundo, o *Dasein* de Heidegger (Almeida e Brandão, 2009); Em suma, ... *o que pode dar sentido ao ser do homem é a sua própria existência, que se dá no modo de compreensão do ser.* (Ib. p.9)

Por conseguinte, o ser pode ser considerado como aquilo que faz com que o ente seja, como condição para que este se mostre, mas, por outro lado, o ser não existe sem o ente, uma vez que para existir necessita estar-em-relação com os seus entes (no sentido mais lato, com as coisas, as pessoas, os lugares por desvelar e por compreender existentes no mundo). Para Heidegger é justamente nesta relação que reside a transcendência e que se possibilita a compreensão do ser. Deste modo, na questão acerca do sentido do ser, é fundamental começar por abordar o ser deste ente em particular, “tarefa” que, obrigatoriamente, tem que ser realizada pelo próprio *Dasein*; como? Somente a partir de uma análise fenomenológica hermenêutica.

Ora, neste contexto, Heidegger propõe um método (que apelida de analítica existencial) que possibilita analisar o ser humano (*Dasein*) enquanto ente incorporado, congregado no mundo, existindo no mundo, tornando-se esta mundanidade um dos elementos constitutivos da sua natureza. Assim, a interpretação que o *Dasein* faz relativamente ao seu próprio ser incluirá, necessariamente, a compreensão do mundo, assim como a compreensão do ser dos entes nesse mundo (Almeida e Brandão, 2009). Aliás, o homem está de tal forma “incorporado” no mundo que as suas experiências subjectivas estão, indissociavelmente, ligadas ao seu contexto sócio-cultural e político (Flood, 2010).

Esta mundaneidade implica considerar o *Dasein* enquanto ente histórico, no e para o qual o tempo se constitui como referencial para a interpretação do sentido do ser. Como afirma Heidegger em *Ser e Tempo*, ... *o ser deve ser apreendido a partir do tempo e os diversos modos de ser só são de*

facto compreensíveis em suas modificações e derivações na perspectiva do tempo e com referência a ele. (Heidegger, 2005:1)

Em suma, é essencial, nesta perspectiva analítica existencial, uma hermenêutica do *Dasein* sem a qual a fenomenologia se torna superficial. Uma hermenêutica cuja utilização enquanto método de investigação permita encarar a experiência vivida enquanto processo interpretativo. Uma fenomenologia hermenêutica que enfatize os significados atribuídos pelos *Dasein* individuais a partir das suas narrativas das experiências vividas no seu quotidiano.

A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR E AS PROPOSTAS DE ALEXANDER E DE LINDSETH & NORBERG APLICADAS À INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM

Considerar que o foco da investigação em Ciências Humanas - e, por conseguinte, em Enfermagem - são os fenómenos humanos, implica considerar não apenas o comportamento e a linguagem mas também o meio no qual eles têm lugar. Linguagem e história constituem-se, portanto, como condições (e limites) para a compreensão desses mesmos fenómenos (Alexander, 1991).

Neste sentido, o trabalho do investigador deverá centrar-se na busca e compreensão dos possíveis significados a desvelar na narrativa, através de um meticuloso trabalho de interpretação que revele as verdades relativas ao sentido essencial do ser-no-mundo que vive determinada experiência de vida, encarada enquanto fenómeno.

Não se trata aqui, por conseguinte, de aplicar uma fenomenologia “pura” no qual as essências são vistas intuitivamente sem o contributo (no sentido Husserliano, a “contaminação”) da interpretação, nem de aplicar uma hermenêutica “clássica” que não transcenda os estritos limites da compreensão do texto encarado como finalidade em si próprio (Lindseth & Norberg, 2004), mas antes, transcendendo os significados encontrados no texto, permitir que eles revelem também os traços essenciais do mundo vivido, onde a experiência vertida na narrativa decorreu. Neste contexto, a interpretação intervém como o desenvolvimento da compreensão, ou, mais exactamente, como a mediação necessária para aceder à compreensão (Renaud, 1985).

Aqui se insere a hermenêutica encarada enquanto teoria contextualizada da compreensão, decorrente da totalidade do contexto linguístico e cultural onde se insere o objecto da interpretação. O processo interpretativo respeitante à hermenêutica deverá ser descrito enquanto movimento em espiral – mais do que circular – realizado pelo intérprete, a partir da totalidade de um texto para as suas partes constituintes e destas, de novo, para a totalidade, aumentando, deste modo, o grau de profundidade e clarificação da compreensão.

Para Ricoeur a compreensão humana, é, em primeiro lugar, uma questão de interpretação da história efectiva que nos moldou e que, até certo ponto, dela já temos um (pré-)conhecimento, mesmo que de um modo confuso, obscuro e distorcido. A compreensão surge, em primeiro lugar, através de uma interpretação hermenêutica, perspectivada enquanto espécie de diálogo entre as nossas questões contextualizadas e o mundo de significados que se abre através da palavra e do gesto, da história efectiva que nos molda.

A Teoria de Interpretação Ricoeureana tenta reconciliar o método das ciências naturais com o das ciências humanas, incorporando explicação e compreensão no círculo hermenêutico (Banzelão, 2006) e preservando o papel das ciências empíricas, mas enquanto dimensão subordinada da compreensão e interpretação. Neste sentido, Ricoeur mostra-se solidário com a posição assumida por Gadamer de defender a compreensão humana de colapsar perante os princípios constituintes das ciências empíricas e alerta-nos para o niilismo implícito na trajectória reducionista inerente a essas mesmas ciências, embora não chegue ao ponto de - como Gadamer fez - considerar que toda a compreensão humana se cingiria à hermenêutica não deixando espaço para as ciências empíricas.

Ricoeur, pelo contrário, não rejeita o contributo das ciências e intenta mesmo assimilá-las como um momento dentro da construção da compreensão hermenêutica. Os seres humanos são, na perspectiva de Ricoeur, criaturas corporificadas e, por consequência, a ciência (empírica) pode descobrir fragmentos da Verdade a nível dos desejos e das inclinações naturais (Browning, 2007).

Mas, a experiência sentida e vivida pelos nossos corpos, mediada e interpretada pela história e tradição que nos envolve e molda, através da linguagem, como referimos, ensina-nos verdades ainda mais importantes e vitais.

Do ponto de vista da hermenêutica Ricoeuriana, a subjectividade do intérprete encontra-se contrabalançada pelo componente objectivo proposto na sua dialéctica interpretativa e na utilização da reflexão crítica. A pretensão de se chegar a uma verdade absoluta e irrefutável não faz, neste contexto interpretativo de experiências vividas por cada Ser-no-Mundo (privilegiando uma hermenêutica do Eu-Sou, relativamente a uma hermenêutica do Eu-penso, nas próprias palavras de Ricoeur), qualquer sentido, até porque, como o próprio afirma, *...é porque o conhecimento absoluto é impossível, que o conflito de interpretações é inultrapassável e inescapável. Entre o conhecimento absoluto e hermenêutica é necessário efectuar uma escolha.* (cf. Ricoeur, 1981:193)

Na perspectiva aqui assumida, o domínio da hermenêutica funda-se, essencialmente, no texto (neste artigo considerado na perspectiva do discurso escrito), uma vez que é nele, em grande medida, que reside um espaço autónomo que propicia a significação, sem no entanto esquecer que o desafio hermenêutico tem o seu início, justamente, na experiência pré-linguística que deverá ser, igualmente, derivada para o domínio da linguagem.

Alexander (1991) considera que a Interpretação, para Ricoeur, é concebida como um processo de múltiplos e inter-relacionados movimentos dialécticos constituídos pelos “pares” Distanciamento-Apropriação (ou Pertença), Explicação-Compreensão e Conjectura-Validação, complementados pela Leitura e Reflexão.

Inspirado e fundamentado na filosofia hermenêutica de Ricoeur, mais especificamente, na sua Teoria de Interpretação, Alexander (1991:76-79) propõe uma estrutura metodológica constituída por múltiplas transformações e mediações baseadas nos movimentos dialécticos acima enunciados, sintetizada num projecto hermenêutico caracterizado pelas seguintes fases:

1. Transformação da experiência vivida em linguagem - Discurso;
2. Transformação do Discurso verbal em Texto;
3. Transformação do Texto e Apropriação dos seus Significados;
4. Leitura e Reflexão.

Com base neste Projecto e conseqüente estrutura metodológica, a referida autora propôs um método de análise que utilizou na sua tese de doutoramento e que aqui sintetizamos,

Em termos do Distanciamento - Leitura objectiva do texto como sistema fechado se signos, reconhecendo a distância criada pelo discurso escrito;

Relativamente à Explicação - Leitura do texto de modo a analisar a sua estrutura, explicando o sistema de palavras que caracterizam a narrativa subjacente ao texto; identificar as inter-relações existentes essas palavras de forma a decifrar o sentido do texto; explicar o sistema de significação do fenómeno ou seja as palavras e frases que permitem encontrar o significado do fenómeno no texto.

Relativamente à Compreensão - Numa primeira fase, efectuar múltiplas leituras do texto de forma a conceber uma primeira intuição do sentido do texto no seu todo (*Naive Understanding*); posteriormente passar para a elaboração de uma Compreensão Crítica, o que implica múltiplas leituras até se ficar totalmente envolvido no sentido do texto, a utilização dos achados encontrados na análise crítica realizada nos procedimentos efectuados relativamente à Explicação, enfatizando as Unidades Linguísticas mais significativas para o fenómeno em estudo, explicando o leque de possíveis significados das palavras/frases seleccionadas e utilizando o contexto da narrativa como argumento para a selecção efectuada, em função da clarificação do significado do fenómeno;

Em termos da Validação - Apresentação da argumentação defendendo o significado mais provável apresentado pelo texto, relativamente ao fenómeno;

No que concerne à Apropriação - Utilizar os significados das palavras e frases seleccionados na Compreensão Crítica, para construir e se apropriar (no sentido de pertença, de tornar seu) do significado revelado pela totalidade do texto relativamente ao fenómeno em estudo.

Já para Lindseth & Norberg, 2004, para compreender um texto é necessário, como afirma Ricoeur, seguir o movimento realizado entre o sentido e a referência, entre aquilo que ele diz e aquilo de que ele fala (Ricoeur, 1976), perspectivando-se esta referência enquanto a essência do próprio significado imbuído no texto.

As autoras acima referidas propõem um método de análise e interpretação dessas mesmas narrativas inspirado na teoria de interpretação fenomenológica hermenêutica de Ricoeur, fundado no movimento dialético entre os pólos da explicação e compreensão e desenvolvido ao longo de mais de dez anos de pesquisa e aplicado [aplicação] em diversos trabalhos de investigação em Enfermagem (Kindblom-Rising et al, 2007; Andersson et al., 2002; Norberg et al., 2001; Ebbeskog et al., 2001, entre outros)

A sua proposta assenta em três etapas metodológicas que abaixo se sintetizam:

1. Leitura inicial - "Naive Reading";
2. Análise estrutural;
3. Entendimento compreensivo - Interpretação da totalidade.

Estas três etapas compreendem os seguintes passos:

- Transcrição das entrevistas narrativas;
- Formulação de uma compreensão imediata ("naive") a partir de uma leitura inicial;
- Divisão do texto em Unidades de Significado;
- Aglutinação das Unidades de Significado de forma a formar Sub-Temas, Temas e Temas Principais;
- Comparação destes temas com a compreensão inicial para validação;
- Releitura do texto como um todo;
- Reflexão sobre os temas e a compreensão inicial, contrapondo-os com a literatura sobre o significado da experiência vivida;
- Formulação de um entendimento compreensivo que revele novas possibilidades de ser-no-mundo de forma a ajudar os leitores a reconfigurarem as suas próprias vidas.

Em suma, é de fundamental importância para o desenvolvimento do conhecimento em Enfermagem, mediado pela investigação fenomenológica, reconhecer a existência, independentemente da "escola" fenomenológica seguida, de uma articulação explícita entre a Fenomenologia e o Ser-se no Mundo, numa tentativa de elucidar as relações vividas entre o Homem e o Mundo, relações mediadas pelo próprio Corpo, deixando que as essências se manifestem na transparência dos fenômenos (Spíndola, 1997), desvelando-as mas, essencialmente, decifrando – hermenêuticamente – os seus significados implícitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexander, L. (1991). *Explication of the meaning of clinical judgment in nursing practice using Ricoeurian hermeneutics*. (Tese de Doutorado não publicada). Adelphi University, New York.
- Almeida, F. & Brandão, C. (2009). *Da Fenomenologia Transcendental à Fenomenologia Existencial*. Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em <http://www.scribd.com>. Acedido em Novembro de 2010.
- Alves, P. (2007). Fenomenologia: A Metafísica do Método. In D. Ferrer (Ed.), *Método e Métodos do Pensamento Filosófico* (pp.156-179). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Andersson, E.M., Norberg, A., & Hallberg, I.R. (2002). Acute confusional episodes in elderly orthopaedic patients: the patients' actions and speech. *International Journal of Nursing Studies*, 39, 303–17.
- Arana, H. (1987). *Discurso sobre o Método Fenomenológico*. (Tese de Doutorado não publicada). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Banzelão, J.T. (2006). Situating Ricoeur within the Hermeneutic Tradition: An overview of his life and works. *Divyadaan*, 17 (3), 265-292.
- Browning, D. (2007). Tributes for Paul Ricoeur. *Criterion-A Publication of the University of Chicago Divinity School*, 45 (3), 2-8.

- Burns, N. & Grove, S. K. (1993). *The practice of nursing research. Conduct, critique and utilizatio* (2ª ed.). Philadelphia: W. B. Saunders Company.
- Corbalan, J.-A. (2000). Pertinence de la recherche qualitative : Approche comparative de la recherche qualitative et quantitative. *Recherche en soins Infirmiers*, 61, 13-22.
- Dowling, M. (2007). From Husserl to van Manen. A review of different phenomenological approaches. *International Journal of Nursing Studies*, 44, 131-142.
- Ebbeskog B, Ekman S.-L. (2001). Elderly persons' experiences of living with venous leg ulcer: living in a dialectal relationship between freedom and imprisonment. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 15, 235-43.
- Ferrater Mora, J.F. (1964). *Diccionario de Filosofía* (5ª ed.). Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- Flood, A. (2010). Understanding Phenomenology. *Nurse Researcher*, 17 (2), 7-15.
- Galli, L. (2007). Comunicação Contemporânea: uma visão da Fenomenologia, Gestalterapia e da Hermenêutica. (Tese de Doutorado não publicada). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Geanellos, R. (2000). Exploring Ricoeur's hermeneutic theory of interpretation as a method of analysing research texts. *Nursing Inquiry*, 7, 112-119.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo - Parte I*. S. Paulo: Editora Vozes.
- Kindblom-Rising, K., Wahlström, R., & Ekman, S. (2007). Nursing staff's perception of changes in patient transfer habits after a course - a phenomenological-hermeneutic study. *Ergonomics*, 50 (7), 1017-1025.
- Lincoln, I. (1997). Conexiones afines entre los métodos cualitativos y la investigación en salud. *Investigación y Educación en Enfermería*, 15 (2), 57-69.
- Lindseth, A. & Norberg, A. (2004). A phenomenological hermeneutical method for researching lived experience. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 18:145-153.
- Morujão, A. (1990). Fenómeno: fenomenologia. In Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia (pp. 484-495). Lisboa: Editorial Verbo.
- Norberg, A., Bergsten, M., & Lundman, B. (2001). A model of consolation. *Nursing Ethics*, 8, 545-53.
- Parse R. *Qualitative Inquiry: The Path of Sciencing*. Boston: Jones and Bartlett Publishers; 2001.
- Phillips, L. (2006). Clinical Nursing Research. In J. Fitzpatrick, & M. Wallace (Eds.). *Encyclopedia of Nursing Research* (2ª ed.) (pp. 82-84). New York: Springer Publishing Company.
- Polit, D., & Hungler, B. (1995). *Fundamentos da pesquisa em enfermagem* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Renaud, M. (1985). Fenomenologia e Hermenêutica. O Projecto Filosófico de Paul Ricoeur. *Revista Portuguesa de Filosofia. (Actas do IIº Colóquio Português de Fenomenologia)*, 41 (4), 405-442.
- Ricoeur, P. (1981). *Hermeneutics and the human sciences. Essays on language, action and interpretation*. New York: Cambridge University Press.
- Ricoeur, P. (1975). Phenomenology And Hermeneutics. *Noûs*, 9 (1), 85-102.
- Ricoeur, P. (1987). *Teoria da Interpretação. O Discurso e o Excesso de Significação*. Lisboa: Edições 70.
- Sadala, M., & Adorno, R. (2002). Phenomenology as a method to investigate the experience lived: a perspective from Husserl and Merleau Ponty's thought. *Journal of Advanced Nursing*, 37 (3), 282-293.
- Spiegelberg H. (1982). *The Phenomenological Movement*. Dordrecht: Martinus Nijhoff.
- Spíndola, T. (1997). A fenomenologia e a enfermagem: algumas reflexões. *Revista Escola Enfermagem da USP*, 31 (3), 403-409.

Valles, A. (2005). El Giro Hermeneúatico de la Fenomenología: De Husserl a Heidegger. *A Parte Rei. Revista de Filosofia*, 38, 1-8.

van Manen, M. (2007). Phenomenology of Practice. *Phenomenology & Practice*, 1, 11-30.

Watson, J. (2002). *Enfermagem: Ciência Humana e Cuidar. Uma Teoria de Enfermagem*. Loures: Lusociência.

Watson, J. (1979). *Nursing: The philosophy and science of caring*. Boston: Little Brown and Company.

Wherter (2001). *O Método Fenomenológico*. Disponível em <http://www.scribd.com>. Acedido em Novembro de 2010.

DE HUSSERL A
RICOEUR: UM PERCURSO
METODOLÓGICO
APLICADO À
INVESTIGAÇÃO EM
ENFERMAGEM

Contacto:
jpauloliveira@iol.pt